

## PERSPECTIVAS ATUAIS SOBRE GÊNEROS DO DISCURSO NO CAMPO DA LINGÜÍSTICA

Rodrigo Acosta Pereira<sup>1</sup>  
Rosângela Hammes Rodrigues<sup>2</sup>

**RESUMO:** Frente às diversas perspectivas de estudos acerca dos gêneros do discurso em Lingüística no Brasil e no exterior, esta pesquisa objetiva apresentar um mapeamento dos principais percursos teórico-metodológicos que viabilizam as investigações sobre gêneros do discurso/textuais. Apresentamos as principais categorias, e os conceitos centrais que consubstanciam cada corrente, buscando um direcionamento e uma contextualização de objetivos e de métodos de pesquisa.

**PALAVRAS-CHAVE:** Teorias de gêneros do discurso/textuais/ Lingüística/ Pesquisa

**ABSTRACT:** *This paper aims at presenting a mapping about the main theoretical and methodological perspectives of discourse genre studies in Linguistics from Brazil and abroad. We introduce the central concepts, categories and methodological paths that are constructed in each approach by searching for a direction and a contextualization of research objectives and methods.*

**KEY-WORDS:** *Discourse Genre Studies; Linguistics; Research;*

### Introdução

Diferentes discussões e pesquisas têm surgido no Brasil e no exterior no campo dos estudos dos Gêneros do Discurso (BAZERMAN, 2007; BONINI, 2005; CHARAUDEAU, 2004; 2006; FURLANETTO, 2005; MOTTA-ROTH, 2005; 2006; PRIOR, 2007; RODRIGUES, 2001; 2005; ROJO, 2007; SIGNORINI, 2006; SCHNEUWLY e DOLZ, 2004; SWALES, 1990; 2007), procurando compreender a constituição e o funcionamento dos gêneros na sociedade e seu papel de orientar, regular e, ao mesmo tempo, de possibilitar e significar as diversas situações de interação.

---

<sup>1</sup> Doutorando em Lingüística da UFSC. Bolsista CNPq.

<sup>2</sup> Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> orientadora do trabalho. Professora do Programa de Pós-graduação em Lingüística da UFSC.

Percebe-se que no Brasil as pesquisas sobre gêneros do discurso/textuais<sup>3</sup> intensificaram-se após a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de Língua Portuguesa (BRASIL, 1998). Os PCN apresentam os gêneros do discurso como objetos das práticas de ensino e de aprendizagem de escuta, leitura e produção textual e os textos como unidades dessas práticas.

Segundo Meurer, Bonini e Motta-Roth (2005, p. 8-9), é notável a ascensão de pesquisas que envolvem os gêneros do discurso/textuais no Brasil e no exterior<sup>4</sup> no campo da Linguística Aplicada (LA), por exemplo, posto que

Tanto no Brasil, principalmente após a publicação dos PCN (BRASIL, 1998), quanto no estrangeiro (BHATIA, 1997, HYLAND, 2002), é notável o número de campos científicos e profissionais interessados nesse tema. Pode-se dizer hoje, que estão inclinados a discutir questões relacionadas aos gêneros, entre outros, críticos literários, retóricos, sociólogos, jornalistas, cientistas cognitivistas [...]. O gênero passou a ser uma noção central na definição da própria linguagem. É um fenômeno que se localiza entre a língua, o discurso e as estruturas sociais, possibilitando diálogos entre teóricos e pesquisadores de diferentes campos e, ao mesmo tempo, trazendo elementos conceituais viabilizadores de uma ampla revisão de todo o aparato teórico da Lingüística. [...] Ao tomar o conceito de gênero como categoria do discurso, a LA amplia o horizonte de explicações para a linguagem.

---

<sup>3</sup>Rojo (2005) estabelece uma distinção entre pesquisas voltadas ao estudo dos gêneros do discurso e àquelas direcionadas à pesquisa sobre gêneros textuais. De acordo com a autora, “[...] teoria dos gêneros do discurso – centra-se, sobretudo no estudo das situações de produção dos enunciados ou textos em seus aspectos sócio-históricos [...] e teoria dos gêneros de textos – na descrição da materialidade textual.” (ROJO, 2005, p. 185).

<sup>4</sup> Prior (2007, p. 277-283) pontua que em pesquisas norte-americanas e australianas contemporâneas em LA com base nos gêneros do discurso/textuais “genre analysts have been moving from a focus on genres as isolated phenomena to a recognition of how specific types of texts are formed within, infused by, and constitutive of *system of genres*. Genres have been described in terms of *chains* (SWALES, 2004; FAIRCLOUGH, 2004); *colonies* (BHATIA, 2002); *repertoires* (DEVITT, 2004); *sets and systems* (BAZERMAN, 2004; DEVITT, 1991) and *ecologies* (SPINUZZI, 2004). [...] Besides, situated genre analyses in specific sites (BAZERMAN, 1999; BERKENKOTTER, 2001, PRIOR, 1998) have also highlighted ways that literate activity involves multimodal *chains* of genres (e.g. from planning talk to a written text that is then reviewed orally and in writing. [...] *Mediate Multimodal Genre Systems* where the mix of media and modes appear not only in specific texts, but also in their use (e.g. a text may be written to be read), in chains of texts that make up the whole system (e.g. where a sequence of oral and embodied genres of discussions inquiry, response, and presentation may mix with written and visual genres – or more to the point, where a set of differently configured multimedia genres are linked together in locally situated ways), and in the consciousness of people as well as in artifacts and actions. [...] *Mediate Multimodal Genre Systems* can be understood by considering the genre system as fundamentally constituted in the varied activities and artifacts involved in trajectories of mediated activities in the whole ensemble of production, reception, representation, distribution, activity and socialization.”

Dessa forma, tornou-se fundamental o reconhecimento e a compreensão da constituição e do funcionamento dos gêneros do discurso, das ações do professor frente ao novo objeto de ensino/aprendizagem e das práticas de planejamento e elaboração didática dos gêneros na escola, ocasionando, como dito, um crescente desenvolvimento de pesquisas em LA sobre os gêneros do discurso/textuais.

Nessa perspectiva, projetos e pesquisas atuais em LA têm se direcionado à (a) análise descritivo-interpretativa de gêneros do discurso em esferas sociais específicas; (b) análise dos discursos que se entrecruzam nas situações de interação mediadas por gêneros; (c) formação do professor frente às novas perspectivas teóricas, metodológicas e aplicadas que perpassam e subsidiam sua ação docente e (d) reorientação das práticas de ensino/aprendizagem na perspectiva dos gêneros do discurso.

As pesquisas em LA no campo da análise descritiva e interpretativa dos gêneros do discurso - que são o foco deste artigo, como veremos a seguir - têm enfatizado seu papel social, interativo, discursivo e ideológico nas diversas práticas sociais, seja sob o ponto de vista dos gêneros como normatizadores dessas práticas, à medida que relativamente estabilizam as interações que a elas se conjugam, seja sob o ângulo lingüístico-textual, buscando investigar a organização textual e os parâmetros de textualização desses gêneros.

Com base nessas discussões, neste artigo, objetivamos apresentar as perspectivas de estudo dos gêneros do discurso/textuais em pesquisas no campo da LA, tomando como unidade de fundamento os autores precursores e/ou de base e as opções teóricas e metodológicas que norteiam essas pesquisas. A partir dessas unidades de fundamento, essas pesquisas foram agrupadas por afinidades, quer no campo teórico, quer no campo metodológico,

Na seção a seguir, apresentaremos os fundamentos gerais de cada abordagem quanto a: (a) precursores e pesquisadores atuais; (b) linhas teóricas e (c) categorias metodológicas de análise.

### **Perspectivas teórico-metodológicas de estudo dos gêneros do discurso/textuais**

Inter-relacionamos-nos por meio da linguagem em diferentes situações de interação, constituindo-nos, constituindo o outro, nossas interações sociais e a linguagem.

Dessa forma, como mencionado na introdução, pesquisas contemporâneas em LA têm enfatizado a relação entre sociedade e linguagem a partir dos gêneros do discurso, apresentando discussões teóricas, metodológicas e aplicadas seja sobre teoria e análise enunciativo-discursiva de gêneros do discurso/textuais, seja sobre práticas de letramento, ensino/aprendizagem de língua materna, estrangeira e formação de professores (BONINI, 2005; CRISTÓVÃO e NASCIMENTO, 2004; 2005; KLEIMAN, 2006; MARCUSCHI, 2002; 2005; MEURER, 2005; MOTTA-ROTH, 2005; 2006; RODRIGUES, 2001; 2004; 2005; ROJO, 2005; SIGNORINI, 2006). Dentre as diversas pesquisas desenvolvidas na área dos gêneros do discurso, diferentes abordagens teórico-metodológicas destacam-se, que, após análise, agrupamos e nomeamos como: *sociossemiótica*, *socioretórica*, *interacionista-sociodiscursiva*, *semiodiscursiva*, *sociocognitivista* e a *dialógica*.

A perspectiva *sociossemiótica* busca compreender a configuração contextual e textual dos gêneros do discurso a partir da análise das metafunções ideacional, interpessoal e textual (EGGINS, 1994; HALLIDAY & HASAN, 1989; HALLIDAY 1978; 1994; THOMPSON, 1996) e sua relação com a interpretação, a descrição e a explicação da construção discursivo-ideológica do gênero, com base na Análise Crítica do Discurso (FAIRCLOUGH, 1989; 1992; 1995; WODAK, 2001).

Procura compreender a linguagem como prática social e como sistema metafuncional de significações que medeia as relações intersubjetivas, cria e recria representações da realidade social, assim como constrói e reconstrói textos organizados a partir de padrões de uso da linguagem em contextos situacionais (imediatos) e amplos (culturais). A abordagem *sociossemiótica* objetiva, em adição, revisitar e discutir a sistematização de inter-relações entre discurso e contexto, visando desconstruir os significados associados às ações sociais e às metafunções (HALLIDAY, 1994) que as realizam. As metafunções<sup>5</sup> definem-se a partir das variáveis do contexto da situação: (a) campo (b) relação; e (c) modo, que são realizadas, respectivamente, por meio das metafunções ideacional, interpessoal e textual.

---

<sup>5</sup> “A linguagem é multifuncional porque realiza três tipos de significados simultaneamente. Halliday (1994) chama esses significados de metafunções da linguagem. São eles: significados ideacionais, significados interpessoais e significados textuais. Isto quer dizer que a linguagem nos permite fazer três coisas simultaneamente: a) representar realidade [...]; (b) estabelecer relações [...] e c) organizar o texto de determinada maneira [...]”. (MEURER, 2005, p. 96-97).

A metafunção ideacional expressa o conteúdo do texto a partir das representações experienciais dos sujeitos por meio do discurso; é o conteúdo da experiência, que se materializa na forma de textos por meio do processo de transitividade (escolhas léxico-gramaticais que funcionam por meio da articulação entre participantes, processos e circunstâncias). A metafunção interpessoal expressa as relações sociais das quais os participantes participam em determinada interação. Essa metafunção possibilita tais sujeitos “representar ações sobre os outros dentro da realidade social e desencadear novas ações” (MOTTA-ROTH & HEBERLE, 2005, p. 15). A metafunção textual, por sua vez, expressa a estrutura e a formatação textuais, capacitando participantes a expressarem experiências e relações intersubjetivas em seus textos de forma coesa e coerente.

Quanto ao estudo sistemático acerca da discursividade que constitui e se constitui nos gêneros, a abordagem sociosemiótica revisita categorizações epistemológicas da Análise Crítica do Discurso (ACD), que, segundo Meurer (2005, p. 81), “é, ao mesmo tempo, uma teoria e um método de análise do discurso”. A ACD procura investigar o papel do discurso na produção, na manutenção e na mudança de relações sociais de poder (FAIRCLOUGH, 1989; 1995). Meurer (2005, p. 94-95) explica que a ACD postula que cada evento discursivo seja analisado por três ângulos: prática textual, prática discursiva e prática social, buscando, respectivamente, sua descrição, interpretação e explicação.

Em síntese, estudar os gêneros do discurso a partir da abordagem sociosemiótica é procurar entender a relação bidirecional entre discurso e estruturação social<sup>6</sup>, enfatizando a linguagem como prática social de significação que (a) estrutura experiências diárias; (b) (re)constrói relações interpessoais e (c) se manifesta na forma de textos sócio-situados.

---

<sup>6</sup> Segundo Giddens (1984, p. 14), “estrutura refere-se às propriedades de estruturação que permitem a ‘delimitação’ de tempo-espaço em sistemas sociais, às propriedades que possibilitam a existência de práticas sociais discernivelmente semelhantes por dimensões variáveis de tempo e de espaço e lhes emprestam uma forma sistêmica. Estrutura é uma ‘ordem virtual’ de relações transformadoras, isto é, os sistemas sociais como práticas sociais reproduzidas, não têm estruturas, mas antes exibem propriedades estruturais, e que a estrutura só existe como presença espaço-temporal [...]”. Giddens (1984; 2002) afirma que as estruturas sociais são constituídas e existem como resultado do uso de que as pessoas fazem de regras e recursos. Com base em Giddens (1984), podemos entender que regras são as normas, as convenções e os significados através dos quais as pessoas se orientam ao compreender ou desempenhar ações sociais. Os recursos são as posses e as capacidades que as pessoas têm e que lhes permitem exercer controle sobre o meio ambiente e sobre os outros indivíduos.

A perspectiva *sociorretórica* (SWALES, 1990; 2007; BAZERMAN 2005; 2006; 2007; FREEDMAN, 1994; MILLER 1984) objetiva analisar os gêneros textuais, considerando-os como ações sociais que: (a) materializam uma classe de eventos; (b) compartilham propósitos comunicativos; (c) possuem traços específicos prototípicos; (d) apresentam lógica inata; e (e) determinam usos lingüísticos específicos de acordo com a comunidade discursiva.

Swales (1990; 2007), que objetiva uma análise formal e discursiva dos gêneros textuais, têm voltado suas pesquisas a contextos acadêmicos e profissionais de uso da linguagem, posto que, para o autor (1990), “o texto deve ser visto em seu contexto e não pode ser completamente entendido e interpretado por meio de uma análise de elementos lingüísticos [...]. Sintaxe, discurso e retórica [...] devem ser integrados à abordagem” (HEMAIS & BIASI-RODRIGUES, 2005, p. 110). A partir disso, Swales (1990) afirma que os gêneros textuais possuem valores sociais e culturais à medida que estão de acordo com as necessidades sociais dos variados grupos sociais. Para Swales (1990; 2007), as características que constituem a comunidade discursiva<sup>7</sup> são: (a) objetivos públicos em comum; (b) mecanismos de comunicação entre participantes da comunidade discursiva; (c) contínua troca de informações; (d) desenvolvimento de conjuntos de gêneros; e (e) léxico que cada comunidade discursiva desenvolve e utiliza.

Dessa forma, “a comunidade discursiva possui princípios e práticas que têm uma base lingüística, retórica, metodológica e ética” (HEMAIS & BIASI-RODRIGUES, 2005, p. 117). A proposta de análise sociorretórica se desenvolve, dessa forma, a partir de três conceitos-chave: comunidade discursiva, tarefa e gênero. Essa perspectiva define que um gênero pode ser concebido como uma classe de eventos comunicativos – ações sociais mediadas pelo discurso – que compartilham propósitos comunicativos específicos. “Esses propósitos são reconhecíveis pelos membros mais experientes da comunidade discursiva original e constituem a razão do gênero” (SWALES, 1990, p. 58).

---

<sup>7</sup> “A noção de comunidade discursiva é empregada em relação ao ensino de produção de texto como uma atividade social, realizada por comunidades que têm convenções específicas e para as quais o discurso faz parte de seu comportamento social. Dentro dessa visão, com a qual Swales (1990) se afina, o discurso mostra o conhecimento do grupo. As convenções discursivas facilitam a iniciação de novos membros na comunidade, ou seja, os novatos são estimulados a usar a forma apropriada as convenções discursivas reconhecidas pela comunidade”. (HEMAIS & BIASI-RODRIGUES, 2005, p. 115).

A abordagem *interacionista-sociodiscursiva* (ISD) (SCHNEUWLY e DOLZ 2004; BRONCKART 1997; 1999), por sua vez, pretende descrever as características enunciativo-discursivas do funcionamento dos gêneros do discurso e selecionar, planejar e projetar conteúdos de ensino/aprendizagem que estejam de acordo com as capacidades de linguagem que possam ser aplicadas nas práticas didáticas.

Essa abordagem objetiva integrar parâmetros psicossociais e lingüístico-discursivos, com vistas a examinar “as relações que as ações de linguagem mantêm com os parâmetros do contexto social em que se inscrevem” (CRISTÓVÃO e NASCIMENTO, 2005, p. 37) e buscar compreender: (a) a análise das ações semiotizadas –ações sócias mediadas pelo discurso- em relação com o social; (b) a desconstrução da estrutura do texto e interpretação/descrição dos recursos lingüísticos; e (c) a explicação das operações psicológicas na produção do texto e na apropriação do gênero do discurso.

Procura compreender os gêneros como “reguladores e como produtos das atividades sociais da linguagem” (MACHADO, 2005, p. 249) e “como ferramenta da ação de linguagem e a ação de linguagem como reformuladora do gênero” (MACHADO, 2005, p. 251). Para tanto o ISD<sup>8</sup> apresenta uma distinção entre atividades e ações sob um ponto de vista sócio-histórico, postulando que: (a) as diversas atividades sociais são os determinantes do funcionamento psíquico das ações; (b) as atividades sociais são apoiadas às atividades de linguagem; (c) as diferentes atividades pressupõem instrumentos e ferramentas distintas; e (d) as atividades são reguladas por formas semióticas. Em síntese, para o ISD, “determinadas formas comunicativas que, estabilizando-se de forma mais ou menos forte, constituem os gêneros de textos” (MACHADO, 2005, p. 250).

---

<sup>8</sup> “No Interacionismo Sócio-discursivo (ISD) tal como é proposto por Bronckart parte-se, primeiramente, do exame das relações que as ações de linguagem mantêm com os parâmetros do contexto social em que se inscrevem, a seguir das capacidades que as ações colocam em funcionamento e, sobretudo, das condições de construção dessas capacidades [...]. O ISD propõe que primeiro se faça a análise das ações semiotizadas (ações da linguagem) na sua relação com o mundo social e com a intertextualidade. A seguir, a análise da arquitetura interna dos textos e do papel que aí desempenham os elementos da língua [...]”. (CRISTÓVÃO & NASCIMENTO, 2005, p. 37).

Sob o escopo da perspectiva *semiodiscursiva*<sup>9</sup> (CHARAUDEAU, 2004; 2006; MAINGUENEAU, 2001; 2004), vinculada à Análise do Discurso, os gêneros são concebidos como “dispositivos de comunicação que só podem aparecer quando certas condições sócio-históricas estão presentes” (MAINGUENEAU, 2001, p. 61).

Dessa forma, a vertente semiodiscursiva busca entender os gêneros como: (a) rotinas/comportamentos estereotipados estabilizados e em variação contínua; (b) atividades/atos de linguagem submetidos a critérios de êxito – finalidade, estatuto de parceiros, temporalidade, suporte material e organização textual; (c) contrato – pressupõe ser cooperativo e regido por normas sociais; (d) papel – implica a determinação de papéis sociais dos interactantes e (e) jogo – compreendem regras mutuamente conhecidas pelos interactantes.

Furlanetto (2005, p. 260-261), ao revisitar aspectos conceituais e metodológicos acerca dos estudos dos gêneros do discurso sob a perspectiva da Análise de Discurso (AD) de Maingueneau<sup>10</sup> (1987; 1991) afirma que, em princípio, pesquisas semiodiscursivas baseadas na AD, de modo geral, objetivam apreender o funcionamento dos discursos em seu próprio processo de discursivização, entendendo que

O discurso aparece para Maingueneau (1991) como um objeto de investigação associado às condições de produção de enunciados, e estas condições estão vinculadas a “[...] um dispositivo local, uma instituição que regula uma atividade suscetível de mobilizar forças através de sua enunciação. Os textos, por sua vez, aparecem como enunciados obedecendo a certas condições de organização, uma vez que são formulados em contexto institucional que estabelece balizas para a sua enunciação (são vinculados, pois a gêneros do discurso); eles refletem, de algum modo, as características históricas da sociedade onde circulam: valores, convicções, crenças e conflitos (FURLANETTO, 2005, p. 260-261)

---

<sup>9</sup> Segundo Charaudeau (2004, p. 21), “[...] uma análise dos gêneros deve se apoiar em uma teoria do fato linguageiro, dito de outra maneira, em uma teoria do discurso na qual possamos conhecer os princípios gerais sobre os quais ela se funda e os mecanismos que os colocam em funcionamento. Toda teoria do discurso implica, assim, que sejam determinados diferentes níveis de organização do fato linguageiro. Já expus, aqui e ali, os aspectos de uma teoria psico-sócio-comunicativa (que chamo de ‘Semiodiscursiva’) na qual me inscrevo [...]”.

<sup>10</sup> De acordo com Furlanetto (2005, P. 261), “Maingueneau observa, inicialmente, que não é objetivo teórico da AD enumerar empiricamente tipos de discurso, ou elaborar tipologias, mas admite a operacionalidade de trabalhar com hipóteses, e os grandes ‘tipos’ aparecem então como ‘sítios de onde é possível recompor a paisagem no interior da qual se formam os objetos’ (1991, p. 17). Assim, por exemplo, não interessaria em si mesmo um sermão ou um panfleto, mas a possibilidade que eles abrem de definir, em certo espaço, uma identidade enunciativa que pode ser historicamente circunscrita. Este espaço definido como *arquivo* pode associar diversos gêneros”.

Maingueneau (1997, p. 180) afirma que o estudo dos gêneros de discurso não representa um fim para a AD. “Ela se interessa por eles essencialmente para acender ao dispositivo complexo que os arquivos implicam”.

Dessa forma, o conceito de arquivo apresenta-se central no estudo semiodiscursivo dos gêneros do discurso sob o escopo da AD. Em síntese, a abordagem semiodiscursiva dos gêneros do discurso objetiva relacionar discursivização, ideologia e subjetividade na dimensão das interações e perceber como discursos entram em confluência e se entrecruzam nos diversos espaços interacionais socioideológicos mediados por gêneros.

A respeito da abordagem *sociocognitiva*<sup>11</sup>, da *Linguística Textual* (KOCH, 2005; 2006a; 2006b; KOCH & CUNHA-LIMA, 2004; MARCUSCHI, 2007a; 2007b), os gêneros textuais são inter-relacionados a competências sociais e cognitivas de comunicação, que são produzidas, compreendidas e regularizadas por sujeitos nas diversas práticas sociais. Relacionam-se cognição, linguagem e práticas interacionais para a investigação das diferentes ações sociais mediadas pela linguagem e materializadas textualmente na forma de gêneros do discurso/textuais.

Para Koch (2006b), as competências sociocomunicativas (sociais e cognitivas) que os sujeitos possuem e os fazem diferenciar determinados gêneros está relacionado com o conhecimento de como a linguagem planeja, elabora e desempenha estratégias de construção e interpretação dos textos que se produzem, circulam e se recebem nas situações de interação. Segundo a autora, essas competências estariam, em adição, contribuindo para o reconhecimento da materialidade lingüístico-textual dos gêneros, permitindo aos sujeitos o reconhecimento das seqüências textuais <sup>12</sup>predominantes em cada macroestruturação lingüístico-textual dos gêneros. Para a autora,

---

<sup>11</sup> “A agenda investigativa proposta pelo sociocognitivismo, podemos dizer que a principal questão a ser enfrentada não é a de como traçar as relações entre aspectos cognitivos e os aspectos sociais que concorrem para a constituição do fenômeno lingüístico, como se estes fossem aspectos que meramente se adicionam ou se conjugam na análise da linguagem humana, como se procurar compreendê-los separadamente fosse desejável e mesmo possível. A questão não é perguntar como a interação pode influenciar os processos cognitivos, como se as duas fossem elementos estanques. A pergunta é, ao contrário, (entendendo-se a interação como parte essencial da cognição): Como a cognição se constitui na interação?” (KOCH & CUNHA-LIMA, 2004, p. 256).

<sup>12</sup> Ver discussão de Bonini (2005).

A competência textual de um falante permite-lhe, ainda, averiguar se em um texto predominam seqüências de caráter narrativo, descritivo, expositivo e/ou argumentativo. O contato com os textos da vida cotidiana, como anúncios, avisos de toda ordem, artigos de jornais, catálogos, receitas médicas, prospectos, guias turísticos, literatura de apoio à manipulação de máquinas, etc., exercita a nossa *capacidade metatextual* para a construção e intelecção de textos. (KOCH, 2006b, p. 53).

Assim, o sociocognitivismo busca investigar a cognição de forma situada, isto é, estudar as relações de confluência entre o cognitivo e o social. Sob esse contexto, analisar os gêneros é perceber como “os objetivos das ações comunicativas são dinâmicos e variavelmente flexíveis, a depender do tipo de interação” (KOCH & CUNHA-LIMA, 2004, p. 284). Essa perspectiva, portanto, revisita conceitos como ação/prática social, papéis sociais, processos de negociação de sentidos, competências sociocognitivas de aquisição e processamento lingüístico, posto que “os rituais, os gêneros e as formas verbais disponíveis não são em nada neutros quanto a contextos sociais e históricos” (KOCH & CUNHA-LIMA, 2004, p. 285), assim como as demais variantes sociais e psíquicas das interações mediadas por essas instâncias. Koch & Cunha-Lima (2004, p. 285-289) comentam a esse respeito que,

Ver a linguagem como ação conjunta não é, então, suficiente: é preciso passar a abordá-la como ação social. Relações sociais complexas (cultural e historicamente situadas) autorizam ou desautorizam os falantes a produzirem certos sentidos. Relações sociais distribuem desigualmente o poder para estabelecer qual a interpretação do dito entre as instâncias ou pessoas que participam de uma dada interação [...]. Ao observar o que as pessoas fazem com as palavras é possível perceber que a interpretação de textos (ou sentenças) não é uma atividade que acontece dentro da mente do falante, mas uma atividade conjunta que emerge na interação e pressupõe e implica negociações em todas as suas fases [...]. A língua só pode ser apropriadamente compreendida quando vista em funcionamento e na interação.

Em suma, a abordagem sociocognitiva busca revisitar caminhos delineados por perspectivas sócio-históricas e cognitivistas, procurando compreender as concepções de linguagem e cognição e suas relações de interdependência<sup>13</sup> a partir da análise das práticas sociais.

Objetiva investigar como “as atividades cognitivas não estão separadas das interações com o meio, nem, obviamente, da vida social” (KOCH & CUNHA-LIMA, 2004, p. 271.).

A abordagem *dialógica* (BAKHTIN, 1926; 1989; 1993; 1998; 2003; 2006), por sua vez, objetiva compreender a constituição e o funcionamento dos gêneros a partir de sua relação com a situação social de interação e a esfera social de atividade. Bakhtin (2003) apresenta os gêneros do discurso enquanto enunciados relativamente estabilizados, tipificados ideológica e dialogicamente nas diversas situações sociais de interação.

Em relação com as outras vertentes de análise do discurso (Anglosaxã<sup>14</sup> e Francesa<sup>15</sup>), a perspectiva dialógica segue orientações epistemológicas da Análise Dialógica do Discurso, a qual procura compreender a “indissolúvel relação entre língua, linguagens e sujeitos” historicamente situados (BRAIT, 2006, p. 10). Segundo Brait (2006, p. 13-14), a Análise Dialógica do Discurso (ADD) objetiva

[...] esmiuçar campos semânticos, descrever e analisar micro e macro-organizações sintáticas, reconhecer, recuperar e interpretar marcas e articulações enunciativas que caracterizam o(s) discurso(s) e indicam sua heterogeneidade constitutiva, assim como a dos sujeitos aí instalados. E mais ainda: ultrapassando a necessária análise dessa ‘materialidade lingüística’, reconhecer o gênero a que pertencem os textos e os gêneros que nele se articulam, descobrir a tradição das atividades em que esses discursos se inserem e, a partir desse diálogo com o objeto de análise, chegar ao inusitado de sua forma de ser discursivamente, à sua maneira de participar ativamente de esferas de produção, circulação e recepção, encontrando sua identidade nas relações dialógicas estabelecidas com outros discursos, com outros sujeitos. Não há categorias *a priori* aplicáveis de forma mecânica a textos e discursos, com a finalidade de compreender formas de produção de sentido num dado discurso, numa dada obra, num dado texto [...]. As diferentes formas de conceber ‘enfretamento dialógico da linguagem’ constituem, por sua vez, movimentos teóricos e metodológicos que se desenvolvem em diferentes direções.

---

<sup>13</sup> “A separação entre externo e interno presente nas ciências cognitivas clássicas é questionada também em outros de seus aspectos, principalmente na separação entre fenômenos mentais e sociais. [...]” (KOCH & CUNHA-LIMA, 2004, p. 278).

<sup>14</sup> Pressupostos teórico-metodológicos com base em Fairclough (1989; 1992; 1995).

<sup>15</sup> Aspectos teóricos e metodológicos sob o escopo de Foucault, 2000; Orlandi, 2007; Pêcheux, 1988.

Bakhtin (2003) afirma que todas as esferas da atividade humana estão efetivamente relacionadas com o uso da linguagem. As realizações lingüístico-discursivas se efetuam como enunciados, que se legitimam e refletem as condições sociais de produção que estão pressupostas nas interações de que fazem parte. O enunciado materializa as condições e as finalidades de cada uma das esferas sociais desses enunciados, isto é, os enunciados, como unidades de comunicação, são marcados por regularidades sócio-temáticas, sócio-estilísticas e sócio-composicionais que se estabilizam na forma de gêneros.

Para o autor, “a riqueza e diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana [...]” em relação as suas esferas sociais (BAKHTIN, 2003, p. 262). Para Bakhtin (2003), as esferas sociais são espaços de regularização e significação social dos gêneros, assim como espaços sociais de interação no quais os gêneros se constituem e funcionam.

Nessa interação, os enunciados não apenas se adaptam a essa esfera como regularizam suas interações por meio dos gêneros. Bakhtin (2006, p. 130) retoma que toda e qualquer situação de interação possui um auditório organizado e, conseqüentemente, um certo repertório de enunciados relativamente estáveis, visto que

Só se pode falar de fórmulas específicas, de [gêneros] [d]o discurso da vida cotidiana quando existem formas de vida em comum relativamente regularizadas, reforçadas pelo uso e pelas circunstâncias. [...] A fórmula estereotipada adapta-se, em qualquer lugar, ao canal de interação social que lhe é reservado, refletindo ideologicamente<sup>16</sup> o tipo, a estrutura, os objetivos e a

---

<sup>16</sup> O conceito de ideologia em Bakhtin (2006), como reflexos e interpretações da construção da realidade social e natural que tem lugar na consciência do homem e é constituído dialogicamente por material sócio (MIOTELLO, 2007), difere dos conceitos de ideologia propostos por Althusser (1970) e por Ricouer (1977) nas pesquisas em Linguística, Comunicação Social e Sociologia. Para Althusser (1970), “a ideologia representa a relação imaginária de indivíduos com suas reais condições de existência. [...] A ideologia tem existência porque existe sempre num aparelho e na sua prática ou práticas e, com isso, a ideologia interpela indivíduos como sujeitos” (BRANDÃO, 1997, p. 22-23). Em Ricouer (1977), “ideologia tem como função de mediadora na interação social e na coesão do grupo [...], é dinâmica e motivadora, [à medida que] impulsiona a práxis social. O novo põe em perigo as bases estabelecidas pela ideologia [...]. A ideologia opera, assim, como um estreitamento das possibilidades de interpretação dos acontecimentos” (BRANDÃO, 1997, p. 24-25). Em síntese, a ideologia para Bakhtin (2006) é dialógica; semiótica e perpassa todas as situações de interação social, posto que “tudo o que é ideológico possui um valor semiótico. [...] Os signos só emergem, decididamente, do processo de interação entre uma consciência individual e outra. E a própria consciência individual está repleta de signos. A consciência só se torna consciência quando se impregna de conteúdo ideológico (semiótico) e, conseqüentemente, somente no processo de interação social. (p. 33-34).

composição social do grupo. As fórmulas da vida corrente fazem parte do meio social [...]. (BAKHTIN, 2006, p. 130).

Em síntese, cabe ressaltar, portanto, que a abordagem sociodialógica está em confluência com as demais perspectivas atuais de pesquisas de gêneros do discurso em Lingüística Aplicada (sociosemiótica, socioretórica, interacionista-sociodiscursiva, semiodiscursiva e sociocognitiva), colaborando para a compreensão da relação dialogizante entre sociedade e linguagem e para o papel dos gêneros do discurso nessa inter-relação.

### **Considerações Finais**

É evidente, no espaço atual de pesquisas em Lingüística e lingüística Aplicada, a ascensão de investigações acerca dos gêneros do discurso/textuais sob diferentes perspectivas teórico-metodológicas. Neste artigo, objetivamos apresentar um possível mapeamento das principais correntes de pesquisa acerca de gêneros no Brasil e nos principais centros de pesquisa no exterior. Sabemos que, desse possível mapeamento, podem surgir limitações e reducionismos, seja sob o âmbito de categorizar correntes que possam ser híbridas e inter-construídas por outras perspectivas, seja sob o âmbito da nomeação dessas perspectivas, cujas denominações (classificações) possam não atender a todos os objetivos de investigação. De fato, sabemos que este mapeamento não é uma classificação rígida, mas aberto e sujeito a discussões, questionamentos e reconstruções.

Em outras palavras, sabemos que estamos lidando com campos de pesquisa que são heterogêneos e fluidos, assim como seu próprio objeto de estudo – os gêneros do discurso/discursivos/textuais. Em síntese, buscamos identificar e localizar ao leitor os diversos caminhos que pesquisas relacionadas a gêneros do discurso/discursivos/textuais podem conduzir, procurando não apenas delinear aspectos teóricos e metodológicos, mas, em adição, apresentar seus objetivos e as múltiplas questões epistemológicas envolvidas em cada corrente.

Assim, o trabalho não apenas colabora para a consolidação de estudos que enfatizem os gêneros como objeto de investigação, como contribui para se repensar e ressignificar certas

teorias e práticas relacionadas ao estudo da linguagem em suas diferentes manifestações semióticas.

### **Referências Bibliográficas**

ALTHUSSER, L. **Ideologia e aparelhos ideológicos do estado**. Trad. De J.J. Moura Ramos. Lisboa: Presença - Martins Fontes, 1974 [1970].

BAKHTIN, M. M.; VOLOSCHINOV, V. N. **Discurso na Vida e Discurso na Arte (sobre a poética sociológica)**. Trad. De Carlos Alberto Faraco & Cristóvão Tezza [para fins didáticos]. Versão da língua inglesa de I. R. Titunik a partir do original russo, 1926.

\_\_\_\_\_. (Voloshinov). **Marxismo e Filosofia da Linguagem: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1981.

\_\_\_\_\_. **Problems of Dostoevsky's Poetics**. Edited and Translated by Caryl Emerson. Minnesota: UMP, 1989.

\_\_\_\_\_. **Para uma Filosofia do Ato**. Texto completo da edição americana Toward a philosophy of the Act. Austin: University of Texas Press. Trad. Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza, 1993.

\_\_\_\_\_. **Questões de Literatura e de Estética – Teoria do Romance**. 4 ed. São Paulo: UNESP, 1998.

\_\_\_\_\_. **Os Gêneros do Discurso**. In: BAKHTIN, M. A Estética da Criação Verbal. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. 279-326.

\_\_\_\_\_. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. Trad. Paulo Bezerra. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

\_\_\_\_\_. **Estética da Criação Verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

\_\_\_\_\_. (Voloshinov). **Marxismo e Filosofia da Linguagem: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. 12º ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BAZERMAN, C; A. P. DIONÍSIO; J. C. HOFFNAGEL. (Orgs.). **Gêneros Textuais, Tipificação e Interação**. São Paulo: Cortez, 2005.

\_\_\_\_\_. **Gêneros, Agência e Escrita**. São Paulo: Cortez, 2006.

\_\_\_\_\_. **Escrita, Gênero e Interação Social**. São Paulo: Cortez, 2007.

- BONINI, A. **A Noção de seqüência textual e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas.** In: MEURER, J. L.; BONINI, A. & MOTTA-ROTH, D. *Gêneros – Teorias, Métodos e Debates.* São Paulo: Parábola, 2005. p. 208-236.
- BRAIT, B. **Análise e Teoria do Discurso.** In: BRAIT, B. *Bakhtin – Outros Conceitos-chave.* São Paulo: Contexto, 2006.
- BRANDÃO, H. H. N. **Introdução à Análise do Discurso.** Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.
- BRONCKART, J. P. **Atividade de Linguagem, Textos e Discursos: Por um Interacionismo Sócio-discursivo.** Trad. Ana Raquel Machado. São Paulo: EDUC, 1997/1999.
- CHARAUDEAU, P. **Visadas Discursivas, Gêneros Situacionais e Construção Textual.** In: MACHADO, I. L. & MELLO, R. (orgs.). *Gêneros: Reflexões em Análise do Discurso.* Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2004.
- \_\_\_\_\_. **Discurso das Mídias.** São Paulo: Contexto, 2006.
- CRISTÓVÃO, V. L. L.; NASCIMENTO, E. L. (Orgs.). **Gêneros Textuais: Teoria e Prática.** Londrina: Moriá, 2004.
- \_\_\_\_\_. **Gêneros Textuais: Teoria e Prática II.** Palmas e União da Vitória, PR: Kaygangue, 2005.
- EGGINS, S. **An Introduction to Systemic Functional Linguistics.** London. Printer, 1994.
- FAIRCLOUGH, N. **Language and Power.** London: Longman, 1989.
- \_\_\_\_\_. **Critical Language Awareness.** London: Routledge, 1992.
- \_\_\_\_\_. **Media Discourse.** London: Longman, 1995.
- FOUCAULT, M. **A Ordem do Discurso.** São Paulo: Edições Loyola, 2000.
- FREEDMAN, A. (Org.) **Learning and Teaching Genre.** Portsmouth: Boynton, Cook Publishers, 1994.
- FURLANETTO, M.M. **Gênero do discurso como componente do arquivo em Dominique Maingueneau.** In: In: MEURER, J. L.; BONINI, A. & MOTTA-ROTH, D. *Gêneros – Teorias, Métodos e Debates.* São Paulo: Parábola, 2005. p. 208-236.

- GIDDENS, A. **A Constituição da Sociedade**. Cambridge: Polity Press, 1984.
- \_\_\_\_\_. **Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.
- HALLIDAY, M.A.K. **Language as a Social semiotic – The Social Interpretation of Language and Meaning**. London: OUSB, 1978.
- \_\_\_\_\_. **An Introduction to Functional Grammar**. London: Edward Arnold. 1994.
- \_\_\_\_\_. & HASAN, R. **Language, context and text: aspects of language in a social semiotic perspective**. Oxford: Oxford University Press, 1989.
- HEIMAS, B. & BIASI-RODRIGUES, B. **A Proposta Sócio-retórica de John Swales para o estudo dos gêneros textuais**. In: In: MEURER, J.L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (orgs.). **Gêneros: teorias, métodos e debates**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p. 108-129.
- KLEIMAN, A. B. **Leitura e Prática Social no Desenvolvimento de Competências no Ensino Médio**. In: BUZEN, C. & MENDONÇA, M. (orgs.) **Português no Ensino Médio e Formação do Professor**. São Paulo: Parábola, 2006. p. 23-36.
- KOCH, I. G. V. **O Texto e a Construção dos Sentidos**. 8ª ed. São Paulo: Contexto, 2005.
- \_\_\_\_\_. **A Inter-Ação pela Linguagem**. 9ª ed. São Paulo: Contexto, 2006a.
- \_\_\_\_\_. **A Coerência Textual**. 16ª ed. São Paulo. Contexto, 2006b.
- \_\_\_\_\_. & CUNHA-LIMA, M. L.. **Do Cognitivismo ao Sociocognitivismo**. In: Mussalim, F. & Bentes, A. C. **Introdução à Lingüística – Fundamentos Epistemológicos**. V. 3. São Paulo: Cortez, 2004.
- MACHADO, A. R. **A Perspectiva Interacionista Sociodiscursiva de Bronckart**. In: MEURER, J.L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (orgs.). **Gêneros: teorias, métodos e debates**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p.237-259.
- MARCUSCHI, L. A. **Gêneros Textuais: Definição e Funcionalidade**. In: DIONÍSIO, A. P; MACHADO, A. R. & BEZERRA, M. A. (Orgs.) **Gêneros Textuais e Ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna. 2002, p.19-36.
- \_\_\_\_\_. **Gêneros Textuais: Configuração, Dinamicidade e Circulação**. In: A. M. KARWOSKI; B. GAYDECZKA; K. S. BRITO. (Orgs.) **Gêneros Textuais: Reflexões e Ensino**. Palmas e União da Vitória, PR: Kaygangue. 2005. p. 17-34.

\_\_\_\_\_. **Fenômenos da Linguagem.** Rio de Janeiro : Lucerna, 2007a.

\_\_\_\_\_. **Cognição, Linguagem e Práticas Interacionais.** Rio de Janeiro : Lucerna, 2007b.

MAINGUENEAU, D. **L'analyse Du discours: introduction aux lectures de l'archive.** Paris : Hachette, 1991.

\_\_\_\_\_. **Os termos-chaves da análise do discurso.** Lisboa: Gradiva, 1997.

\_\_\_\_\_. **Análise de Textos da Comunicação.** São Paulo: Cortez, 2001.

\_\_\_\_\_. **Diversidade dos Gêneros do Discurso.** In: MACHADO, I. L. & MELLO, R. (orgs.). Gêneros: Reflexões em Análise do Discurso. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2004.

MEURER, J. L. **Gêneros Textuais na Análise Crítica de Fairclough.** In: MEURER, J.L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (orgs.). Gêneros: teorias, métodos e debates. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p. 81-107.

MILLER, C. **Genre as a Social Action.** In: FREEDMAN, A; MEDWAY, P. (orgs.) Genre and the New rhetoric. London: Taylor & Francis. 1984. p. 23-42.

MIOTELLO, V. **Ideologia.** In: BRAIT, B. Bakhtin – Outros Conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2006.

MOTTA-ROTH, D. **Questões de Metodologia em Análise de Gêneros.** In: KARWOSKI, A. M; GAYDECZKA, B; BRITO, K. S. Gêneros Textuais – Reflexões e Ensino. Palmas e União da Vitória, PR: Kayganguê, 2005. p. 179-202.

\_\_\_\_\_. **O Ensino de Produção Textual com base em Atividades Sociais e Gêneros Textuais.** Revista Linguagem em (Dis)curso, volume 6, número 3, set./dez. Florianópolis, 2006.

RODRIGUES, R. H. **A Constituição e Funcionamento do Gênero Jornalístico Artigo: Cronotopo e Dialogismo.** Tese (Doutorado em Lingüística Aplicada e Estudos da Linguagem – LAEL – PUCSP). São Paulo: PUCSP, 2001.

\_\_\_\_\_. **Análise de Gêneros do Discurso na Teoria Bakhtiniana: Algumas Questões Teóricas e Metodológicas.** Revista Linguagem em Dis(curso). V. 4, nº 2, jan. jun. 2004.

\_\_\_\_\_. **Os Gêneros do Discurso na Perspectiva Dialógica da Linguagem: A Abordagem de Bakhtin.** In: MEURER, J. L; BONINI, A. & MOTTA-ROTH, D. Gêneros – Teorias, Métodos e Debates. São Paulo: Parábola, 2005. p. 152-183.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso**. Campinas, SP: Pontes, 2007.

PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. (Trad. Eni Orlandi et. al.). Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1988.

RICOUER, P. **Interpretação e Ideologias**. Trad. H. Japiassu. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

ROJO, R. **Gêneros do Discurso e Gêneros Textuais: Questões Teóricas e Aplicadas**. IN: MEURER, J.L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (orgs.). **Gêneros: teorias, métodos e debates**. São Paulo: Parábola Editorial. 2005. p. 184-207.

\_\_\_\_\_. **Fazer Linguística Aplicada em Perspectiva Sócio-histórica: Privação Sofrida e Leveza de Pensamento**. In: MOITA LOPES, L. P. (org.). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006. p. 253-274.

SIGNORINI, I. (org.) **Gêneros Catalisadores – Letramento e Formação do Professor**. São Paulo: Parábola, 2006.

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. **Gêneros Oraís e Escritos na Escola**. Trad. Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. São Paulo: Mercado de Letras, 2004.

SWALES, J. M. **Genre Analysis: English in Academic and Research Settings**. Cambridge: CUP. 1990.

THOMPSON, G. **Introducing Functional Grammar**. London: Edward Arnold, 1996.

WODAK, R. **Do que se trata a ACD – um resumo de sua história, conceitos importantes e seus desenvolvimentos**. Revista Linguagem em (Dis)curso. V.4, nº especial de 2004.